

Apresentação

1

Neste novo número da revista *Landa*, encabeçado por um desenho do escritor Carlos Liscano (de *La libreta de cuero*. Montevideo, Ediciones del caballo perdido, 2014), não apenas as escrituras do eu – tema da chamada de artigos – estão em evidência: também as escrituras do altiplano colombiano, de suas cidades e florestas quentes e úmidas, se dão amplamente a ver. No Dossiê Colômbia, organizado por Byron Vélez Escallón e Carmen Acosta Peñaloza, se propõe um mergulho no multifacetado universo do tão próximo e tão desconhecido país vizinho, incluindo cultura, política, história, arte e literatura. Estando a Colômbia distante do Brasil sobretudo em termos culturais, o trabalho realizado neste dossiê atua vigorosamente para o preenchimento de uma grande – ou amazônica – lacuna. Com o mesmo fim, abrimos a seção de artigos com um texto dedicado justamente a um importante escritor colombiano contemporâneo, Héctor Abad Faciolince.

Além disso, na seção Olhares/Miradas aparecem rastros da poesia da “pré-cordilheira”, como os mendocinos da Argentina chamam as montanhas que vêm de sua não menos magnífica cidade, através da poesia de Juan López, introduzido pelo escritor Christian Kupchik e pelo ensaísta Víctor Gustavo Zonana. Igualmente argentinos, e também na seção Miradas/Olhares, se destacam os textos de intervenção dedicados à questão das Malvinas por Daniel Filmus – Secretário de Assuntos Relativos às Ilhas Malvinas, Ilhas Geórgia do Sul, Sandwich do Sul e Áreas Marítimas Circundantes do Ministério de Relações Exteriores e Culto da Nação – e pelo crítico e ensaísta Raúl Antelo, ambos conectando Brasil e Argentina nessa disputa simbólica e territorial contra o velho belicismo colonialista inglês. Como se não bastasse, o cartunista Miguel Rep intervém nesta seção com um lúdico mapa que se quer mensagem de paz, com um título sutil porém muito expressivo: “Malvinas é Argentina”.

Temos, assim, uma série inicial de doze textos dedicados às chamadas “escrituras do eu”, conforme a convocação aberta nos seguintes termos: “O mistério das escrituras do eu – da própria noção de escrituras e do outro que sou eu – permanece intocado no decorrer do tempo, embora tenha visivelmente chamado a atenção de filósofos, ensaístas e críticos de arte em geral a aceleração que conheceram durante as últimas décadas. Esta aceleração carrega em si, de modo simultâneo e contraditório, os traços da banalização e da complexificação, da frivolidade e da angústia, da leveza e da obsessão. A tendência contemporânea à ‘auto-arqueologização’ é um fato, assim como o é a pulsão de conservação e destruição que marcam a ferro e fogo a febre de arquivo, nos termos de Derrida, desde Freud e Benjamin aos nossos dias. Seguimos perguntando, portanto, pela presença-ausência do corpo nas grafias do eu, pela transmutação em corpus daquilo que se pode ler tanto nas estrelas quanto na palma de uma mão: é sobre esta dialética entre corpo e corpus, vida e arte século XXI adentro que propomos o desafio de re-pensar aqui”.

Duas pesquisadoras brasileiras abrem a seção de artigos com um texto, como anunciado acima, sobre Abad Faciolince. Seguem textos de outros pesquisadores brasileiros – que tomam a literatura como campo expandido – sobre Silvano Santiago, Agustina Bessa-Luís, Judith Grossmann, Hélio Oiticica, Lygia Clark, Nuno Ramos e Osman Lins. Completam esta seção um panorama das “escrituras de si na literatura brasileira”, um texto sobre o escritor uruguaio Mario Levrero e outro sobre o filósofo franco-argelino Jacques Derrida, além de um ensaio sobre a escritora salvadorenha Claudia Lars, escrito por uma pesquisadora de El Salvador que vive no Brasil, abrindo ainda mais o leque da revista *Landa*, conforme o próprio empuxo desta edição, em direção ao Caribe e à América Central.

Concluem este novo número duas resenhas dedicadas aos escritores argentinos, Héctor Libertella e Sérgio Chefjec, não menos “amazônicos”, tendo o primeiro vivido parte de sua vida no exílio mexicano e o segundo vivendo no momento um auto-exílio norte-americano, depois de uma temporada venezuelana. Posto que são estes espaços-tempos profundamente americanos e anacrônicos os que desenham o próprio perfil da *Landa*.